

Por que os "progressistas" se tornam "históricos"

8867 NVF 12
21 JAN 1988
PV AUC

Gilman Viana Rodrigues (*)

Na onda do populismo eleito-reiro, o Brasil está cheio de "progressistas", assim auto-rotulados os políticos da repicada da bateria, que tentam tudo ganhar no barulho.

Uma característica marcante é o apreço que tais grupos têm pela decisão das maiorias. Apenas com uma ressalva: caso a maioria não seja a deles, o resultado é uma imposição, um rolo compressor, não é legítimo.

Nas votações da Assembleia Nacional Constituinte, em todas as decisões que envolveram votação, foi fácil verificar um comportamento uniforme. Quando os "progressistas" ganharam, os perdedores



recolhiam-se aos seus gabinetes para avaliar o placar e traçar novas táticas.

Quando os "progressistas" perderam, foi formado o tumulto selvagem na mais inequívoca prática de vandalismo.

Na oportunidade da votação da Comissão Temática, da Ordem Econômica, ao anteverem a derrota do relatório do "progressista" senador Severo Gomes, além de destruírem na força muscular as instalações, foram arrebatados os dois microfones existentes na mesa para uso da direção dos trabalhos. O deputado Luiz Salomão (PDT-RJ) seqüestrou todo o material do expediente da votação e rasgou-o em público. Reaberta a reunião, ao se configurar a derrota, os "progressistas" bateram em retirada. O relatório foi rejeitado por 39 votos a 16.

Como a Comissão de Sistematização foi constituída

à base de condimentos que conferissem maioria à esquerda, não houve decisões que contrariassem os "progressistas" e, conseqüentemente, não houve tumulto.

Já na sessão do plenário, quando da votação da mudança de regimento, para uma metodologia que contrariaria os interesses da esquerda, parlamentares "progressistas", entre eles Olívio Dutra, vice-presidente do PT, conseguiram, em nome do sindicalismo, invadir as galerias. Como o acesso estava fechado, as portas foram arrombadas e instalou-se, ao gosto dos "progressistas", o mais retrógrado exercício de pilantragem, camuflada de sindicalismo.

Cusparadas, papéis, cédulas e sapatos foram atirados sobre os parlamentares, numa agressão sem precedentes na história do Parlamento brasileiro. No-

vamente a reunião foi suspensa.

O líder do PMDB, Mário Covas, quando verificou que perdera a votação, foi ao microfone e convidou a bancada a se retirar. Ocorreu que o líder do PMDB na Constituinte não lidera o PMDB, mas apenas uma facção, e, retirada a sua facção do plenário, não conseguiu impedir que a matéria dos conservadores fosse aprovada por maioria absoluta.

A esquerda descobriu e não quer aceitar que aqueles que não são seus seguidores são dotados de inteligência e independência, natural dos seres humanos, pois só admitem subordinação e não admitem liderança.

Eis que aparece um novo grupo, o grupo dos "históricos". Que históricos? De que história?

A valdade e a ambição pessoal não permitem que assimilem a penumbra do

mando, conseqüência da maioria contrária. Assim, no grupo dos "históricos" passam novamente a ser líderes, até que a "estória" venha à tona.

Em termos cronológicos, parlamentares do PMDB muito mais antigos do que o senador Fernando Henrique Cardoso não fazem parte dos "históricos", pelo simples fato de não se alinharem ideologicamente com ele nem com o senhor Mário Covas.

A tendência dos "históricos", já que não se acham mais "progressistas", é fundar novo partido ou de o atual partido expulsar os "contras", pois só lideram com mando absoluto. Em outras palavras, não sabem liderar, querem mandar.

(*) Presidente da Sociedade Mineira de Agricultura e vice-presidente da Federação de Agricultura do Estado de Minas Gerais.